13 ai! as flores daquele dia...
14 — mas era um canteiro o seu corpo:
15 um jardim de lírios, o cavalo morto.
16 Muitos viajantes contemplaram
17 a flúida música, a orvalhada
18 das grandes moscas de esmeralda
19 chegando em rumoroso jorro.
20 •Adernava triste, o cavalo morto.
21 E viam-se uns cavalos vivos,
22 altos como esbeltos navios,
23 galopando nos ares finos,
24 com felizes perfis de sonho.
25 Branco e verde via-se o cavalo morto.
26 no campo enorme e sem recurso,
27 — e devagar girava o mundo
28 entre as suas pestanas, turvo.
29 como em luas de espelho roxo.
30 Dava o sol nos dentes do cavalo morto.
31 Mas todos tinham muita pressa,
32 e não sentiram como a terra
33 procurava, de lègua em lègua,
34 o ágil, o imenso, o etéreo sopra
35 o ágil, o imenso àquele arcabouço.
36 Tão pesado, o peito do cavalo morto!

O CAVALO MORTO - REPRESENTAÇÃO "PLÁSTICA" EM TODOS OS NÍVEIS

Edda Arzúa FERREIRA*

O poema é marcado, acima de tudo, por uma representação plástica, harmoniosa de um cavalo morto. Cecília Meireles catalisa elementos sensoriais para extrair dessa operação efeitos da maior expressividade. E esse recurso ao sensorial

*Professora de Teoria Literária da UFSC.

caracteriza significativa parte dos textos poéticos da autora, notadamente no livro — Retrato natural; aí encontramos versos, como: "Brilha em sua narina o coral do dia"; "Em sua pele, madrepérolas hesitantes" (Ar livre). "Alfombras de prata / na varanda azul" (Melodia para cravo). "Dez bailarinas deslizam / por um chão de espelho. Têm corpos egípcios com placas douradas, pálpebras azuis e dedos vermelhos... e dobram amarelos joelhos (Balada das dez bailarinas do CASINO). "As grades de prata... e formigas ruivas. Levaram a casa de telhado verde (Infância). "Quem trouxe o faisão dourado... Com seus modos de safira, em finos corais pousado." (Faisão prateado).

A recorrência de cores, pedrarias, palavras solenes registra uma tal sensualidade de elocução que corre o risco de fascinar o leitor pela exuberância de imagens e de adjetivação, e pelo brilho do arabesco verbal podendo comprometer, em parte (no caso do leitor desavisado), as significações mais profundas desses poemas. Em "O cavalo morto", especificamente, para além da representação plástica e veiculada através desta, o nível semântico nos remete às relações antitéticas (e paradoxais) entre — morte versus vida. Estas podem ser observadas no interior das estrofes; mas essas relações evidenciam-se, em todo o poema, entre cada uma das estrofes e o estribilho. Portanto, não se trata apenas de uma representação sensorial do cavalo morto, mas também de uma constante chamada para a antítese — morte versus vida.

De qualquer modo, o cavalo morto é evocação marcadamente visual e nasce, não da observação de pormenores, mas da contemplação do objeto inteiro; e a plasticidade e a harmonia de sua representação é ratificada em todos os níveis do poema. Vejamos:

Sonoridade: observamos no texto o equilíbrio entre vogais abertas e fechadas. É verdade que a aliteração de consoantes surdar é superior à das sonoras: mas isto exprime a gravidade do pesado corpo do cavalo morto (como também, a concepção da morte).

A plasticidade é reforçada, ainda, através das rimas — graves e toantes nas estrofes; ou seja, rimas sem consonância, o que

apontaria um certo silêncio (ou minimização sonora), como que preparando a recorrência das rimas dos estribilhos: **morto**.

No ritmo encontramos também um certo equilíbrio entre ritmos agudos, contundentes (anfíbracos e troqueus) e ritmos lentos, graves, solenes (anapestos e péon 4º), o que remete à relação **vida versus morte**, pois que admitimos que a eficácia do verso resulta da adequação entre o ritmo e o pensamento (significação).

Quanto à metrificação, temos de um lado a regularidade métrica nas estrofes (versos octossílabos) quebrada, por outro lado, pelos metros irregulares no estribilho (versos decassílabos e hendecassílabos) — o que aguçaria a oposição **vida versus morte**.

Cabe notar ainda que a composição do poema apresenta **sete** estrofes e **sete** versos isolados (estribilho) o que marca, de saída, uma certa plasticidade e harmonia do texto.

Léxico e sintaxe: o vocabulário rico em adjetivação; substantivos com função adjetiva e/ou de conotação solene, sublime, mas acima de tudo com conotações sensoriais apontam a nível lexical, não apenas a representação plástica do cavalo morto como também marcam, nitidamente, a fronteira de separação entre **vida/morte**: pântano (v.3), estrelas (v.11), flores (v.13), perfis de sonho (v.24), luar (v.29); prata (v.1), opala (v.2), cristal (v.6), jardim de lírios (v.15), esmeralda (v.18), branco e verde (v.9) e "o ágil, o imenso, o etéreo sopro" (v.34) contrapõem-se ao estribilho — "cavalo morto" (v.5, 10, 15, 20, 25, 30 e 36).

Os verbos que se referem ao cavalo morto, ou são elípticos ou indicam **estado** (passividade): "um jardim de lírios, o cavalo morto" (v.15); "Tão pesado, o peito do cavalo morto" (v.36); "Adernava triste, o cavalo morto" (v.20); "Na fronteira havia um cavalo morto" (v.5) — aqui temos os verbos do estribilho em contraposição aos das estrofes: "deslizar seus gestos de prata, mover densidades de opala" (v.2, 3); "E viam-se uns cavalos vivos"... galopando nos ares finos" (v.21, 23); "... e algum vento/torcia crinas/e movia a cauda ao cavalo morto" (v.7, 8 e 10).

A inversão sintática da sexta estrofe aponta, a nível semântico, um hipérbato que conotaria a inversão em grau paroxístico: vida/morte.

Nível semântico — O corpo do cavalo morto, que pousa na terra aos olhos dos viajantes, é ponto de partida para diferentes associações sensoriais em diferentes relações semânticas:

- **Relações antitéticas** entre:

- a) as estrelas ainda vivas (v.11) e o cavalo morto;
- b) a pesada inutilidade do cavalo morto (v.36) e a leveza, mobilidade dos cavalos vivos (v.20/24) — e que ainda podem sonhar;
- c) entre a ação do vento (v.7/9) e a estaticidade do cavalo morto;
- d) a inércia do cavalo morto e a agitação febril dos homens (v.31);
- e) a vida já realizada das estrelas (v.11) e a vida por se realizar — a das flores (v.12/13);
- f) entre as flores por nascer (v. 12/13) e o cavalo morto.

- **Relações de associação:**

- a) dos elementos de cor branca: prata (v.2), cristal (v.6), jardim de lírios (v.15);
- b) do verde (v.25) com "moscas de esmeralda" (v.18);
- c) dos elementos da natureza: terra (v.5, 13, 14, 26, 32, 33), mar (v.20, 22) e ar (v.23);
- d) íntima associação entre a natureza e o animal:
"— mas era um **canteiro** o seu corpo: / um **jardim de lírios**, o cavalo morto" (v.14/15).
"e não sentiram como a **terra**/procurava, de lègua em lègua/o ágil, o imenso, o etéreo sopro/ que faltava àquele arcabouço" (v.32/35).
"**grãos de cristal** rolavam pelo / seu flanco nítido..." (v. 6/7);
- e) associações sinestésicas, visuais e auditivas que se despertam mutuamente: o enxame de moscas, a cristanilidade verde dos insetos, o rumor de água jorrando (v.16/19): "Muitos viajantes

contemplaram / a fluída música, a orvalhada / das grandes moscas de esmeralda / chegando em rumoroso jorro."

- f) as metáforas dominam a linguagem figurada desse texto, parecendo-nos dispensável enumerá-las, visto que ocorrem não só no interior de todas as estrofes como ainda em alguns versos do estribilho (v. 15, 20). Apenas alguns exemplos: "Vi a névoa da madrugada / deslizar seus gestos de prata / mover densidades de opala / naquele pòrtico de sono" (v. 1/4); "— e devagar girava o mundo / entre as suas pestanas..." (v. 27/28); "... e não sentiram como a terra / procurava, de lègua em lègua..." (v. 32/33).

Sinêdoques:

- "Dava o sol **nos dentes** do cavalo morto" (v.30);
"O ágil, o imenso, o etéreo sopro / que faltava àquele arcâbouço" (v. 34/35);
"Tão pesado, o **peito** do cavalo morto". (v.36)

Símiles:

- "E viam-se uns cavalos vivos, / altos **como** esbeltos navios" (v. 21/22).
"E devagar girava o mundo... / **como** em luas de espelho roxo". (v.27/29).

O **hipérbato**, inversão sintática dos versos na sexta estrofe (v. 27/29), sugere a irreversibilidade da morte, como também a violência que a caracteriza (inversamente à "regularidade", à ordem "direta" da vida...): "— e devagar girava o mundo / entre as suas pestanas, turvo / como em luas de espelho roxo"...

Como vimos, a exuberância da linguagem figurada representada através de metáforas, antíteses, sinestésias, sinêdoques, símiles e outras mais, vem reforçar, em grau paroxístico, a expressividade da representação plástica do poema estreitamente ligada às significações "poéticas" do mesmo.

O que fica da leitura desse poema é, de um lado, o peso e a inutilidade do cavalo morto, apenas evocado pela terra (v. 32) e

de outro a urgência de viver dos cavalos vivos (v. 21) e dos homens (v. 30) que não se detiveram nem se comoveram diante do cavalo que — na verdade nada mais é do que um simples cavalo morto... Entretanto, Cecília Meireles opera a transfiguração poética do simples "cavalo morto" e o representa no seu "pórtico de sono", como "um jardim de lírios", privado do "ágil, imenso e etéreo sopra"...

E, finalmente, ocorre ainda uma curiosa relação paradoxal, implícita na quinta estrofe desse poema (v. 16/19). Vejamos: "Muitos viajantes contemplaram / a fluída música, a orvalhada / **das grandes moscas de esmeralda** / chegando em rumoroso jorro". Sabemos que as moscas varejeiras são desovam sobre objetos (corpos) em putrefação — ou seja, naquele objeto morto, inanimado nascerá a vida. Assim, a relação **morte versus vida** como que se esvazia de seu conteúdo antitético e paradoxalmente opera-se a relação dialética entre ambas: ou seja, ocorre a nível do pressuposto (através da imagem — "moscas de esmeralda") a síntese dos opostos: **a morte é vida**. E aí, parece que se realiza a "plasticidade semântica" do poema...

Representação poética magistral de uma matéria em si prosaica, até banal. "O cavalo morto" mostra-nos que o "poético" vai além do objeto, extrapola-o, visto que a poesia remunera não apenas a fragilidade das coisas, dos fatos, mas também a da própria linguagem...